

## **A memória e a história da favela cabana do Pai Tomás nos primeiros anos de seu surgimento**

*Wellington de Oliveira  
Álison Veloso da Cunha*

Falar de favela é falar da história do Brasil desde a virada do século passado. É falar particularmente da cidade do Rio de Janeiro na República, entrecortada por interesses e conflitos regionais profundos (Alvito e Zaluar 1998: 7). A palavra favela foi originada de um arbusto com sementes oleaginosas, freqüentes no sertão brasileiro do Nordeste. No final do século XIX, soldados que retornaram da Guerra de Canudos e que não tinham onde morar, passando a ocupar os morros da Providência e Santo Antônio no Rio de Janeiro, morros esses situados nos fundos dos quartéis. Os mais críticos diziam que as barracas ou habitações precárias apareciam de uma forma tão rápida como as favelas, arbustos encontrados com grande intensidade no nordeste, originando daí o nome.

Ainda de acordo com Alvito e Zaluar a favela ficou registrada de uma forma oficial como área de habitações irregulares que foram construídas sem planejamento, sem traçados definidos, sem planejamento urbano, como resultado da pobreza de seus habitantes, bem como do descaso do poder público que fez surgir à imagem da favela como um local de carência, de pobreza, de marginalidade e de perigo a ser erradicado.

As primeiras ocupações irregulares ou favelas começaram a serem percebidas no final do século XIX e princípio do século XX na cidade do Rio de Janeiro, capital da recém proclamada República, que tinha no princípio do século XX uma população inferior a 1 milhão de habitantes, sendo que a maioria era composta

por ex escravos, escravos libertos e escravos que vinham das decadentes fazendas de café do Vale do Paraíba em busca de novas oportunidades de trabalho (Sevcenko 1998: 21). Essa população chegava no Rio de Janeiro e se concentrava em casarões antigos no centro da cidade, casarões esses que não tinham condições de infraestrutura nenhuma, se tornando uma ameaça para as autoridades públicas, principalmente à saúde pública devido ao aparecimento de diversos focos de doenças como a difteria, a tuberculose, a malária e outras mais.

Para solucionar o problema, uma das soluções encontradas pelos administradores da cidade, seria a demolição dos casarões antigos. Porém, para a população que morava nos casarões, a solução encontrada pela prefeitura não foi a mais apropriada, uma vez que na demolição desses casarões não estava prevista a recolocação desses moradores, que passaram então a ocupar as encostas dos morros que circunda a cidades, levantando construções alternativas utilizando toda a gama de materiais possíveis.

Já a origem das favelas em Belo Horizonte, praticamente se confunde com a idealização, construção e crescimento da cidade. Belo Horizonte que foi uma cidade desenhada, originada e planejada nos modelos arquitetônicos e urbanísticos mais modernos da época, não previa um local para alojar os trabalhadores que estavam encarregados de sua construção.

A preocupação das moradias era para com os funcionários públicos e os grandes empresários oriundos da antiga capital, Ouro Preto. O poder público, desde o início, foi o principal agente no processo de ocupação do solo pelo controle que exercia sobre o acesso aos terrenos e construções e nesse processo, privilegiou os funcionários públicos e os proprietários de Ouro Preto (Guimarães 1992: 11).

As favelas sempre acompanhavam o desenvolvimento da cidade que estava surgindo, por um outro lado também desde os primeiros anos da existência da capital, houve por parte dos políticos essa preocupação de conter os avanços desses estilos arquitetônicos que ocupavam áreas privilegiadas na cidade. Os dados registram cerca de 2 000 pessoas habitando em tais áreas já

em 1901, quando tem início a preocupação com a transferência destes assentamentos para fora da zona urbana (De Moura Costa e Baptista 1998: 271), esse processo só seria completado três décadas mais tarde. Os órgãos começavam a ter essa preocupação com o Belo Horizonte, onde essas aglomerações em que estavam surgindo poderiam até em certo ponto descaracterizar a cidade.

No entanto os novos ares da Nova Capital trouxe consigo um crescimento populacional de aproximadamente 50% ao ano, como consequência direta desse crescimento começava a contar com duas áreas de invasão a do Córrego do Leitão e da Favela do Alto da Estação, cada uma com um contingente populacional de aproximadamente 5 mil pessoas. O surgimento inicial dessas duas favelas não preocupou os administradores da Nova Capital, no entanto com o crescimento da cidade, foram eles obrigados, em 1920, a fazerem a primeira remoção das favelas para um local um pouco mais distante do Centro Urbano Comercial. “A cidade” então recém—construída e recém— inaugurada e dentro do caráter segregacionista e elitista que predominava na época não enxergava com bons olhos a presença de uma população pobre situada na parte mais central da cidade, passando a ser indesejáveis. Nascia daí uma nova realidade na Capital: As elites a região Central, a população trabalhadora e pobre as regiões periféricas.

Somente a partir dos anos 30 é que o poder público começou a se preocupar de fato com as populações residentes nas periferias, pregavam um o discurso oficial, a necessidade de remoção para áreas situadas fora da região “nobre” da cidade, uma vez ainda seriam realizadas obras urbanísticas e de saneamento, e que a marginalidade começava a se destacar que ainda grande parte dessa marginalidade era atribuída às favelas. Por um outro lado também, essas favelas passavam a ser consideradas focos de diversas epidemias que poderiam contaminar toda a Belo Horizonte. Diante de tal situação, seria mais do que nunca uma necessidade urgente à remoção de todas as favelas situadas no Centro Urbano Comercial e em áreas próximas a ele.

O aumento considerável da população na Nova Capital, principalmente no início dos anos 40 foi acompanhado pelo aumento

do número de favelas que começaram a surgir nas regiões mais distantes do centro comercial. Essas favelas começaram a ocupar locais nas proximidades dos municípios vizinhos, principalmente no município de Contagem, onde estava sendo instalado o centro Industrial do mesmo.

A Cidade Industrial Juventino Dias, mais conhecida como Cidade Industrial foi criada na década de 40 e há princípio não oferecia tantos atrativos para a instalação das indústrias. Somente em meados da década de 50 quando o estado na onda do populismo,<sup>11</sup> começou de fato a investir no projeto de concentração e atração de grandes indústrias na região. E um dos maiores problemas foi sanado, com a criação da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais). E com a criação da CEMIG aconteceu um aumento considerável de indústrias na região, com a Cidade Industrial tornando-se o maior Pólo Industrial de Minas Gerais, gerando uma enorme quantidade de empregos.

Na década de 50, o crescimento sem controle da população, principalmente da população favelada começava a preocupar as autoridades competentes. A preocupação com a “paisagem urbana”, a valorização do solo urbano em áreas que interessavam à iniciativa privada, fizeram acontecer diversas remoções de áreas ocupadas por favelas em Belo Horizonte. A remoção destas favelas e conseqüentemente das famílias era uma forma de preservar e provocar alteração do uso do solo, trazendo como uma conseqüência imediata à valorização da área, uma vez que essas terras mais próximas aos centros urbanos eram altamente valorizadas, fazendo com que os órgãos competentes tomassem como necessidade à remoção das favelas que estavam situadas próximas ao centro para as regiões mais distantes.

Também começavam a surgir em Belo Horizonte movimentos organizados que objetivavam defender os interesses da população favelada, destacando a Associação de Defesa Coletiva (ADC) e a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, esses movimentos eram apoiados e orientados pelos padres Lage e

<sup>11</sup> Prática política que utiliza como principal motor e instrumento o povo, concedendo benefícios sociais como forma de controlá-lo.

Agnaldo Leal. A Federação dos Trabalhadores Favelados foi organizada pelos moradores do morro do Querosene em 1958, que lutavam contra a ameaça de remoção pelo exercito, dono dos terrenos onde estavam localizados.

O projeto de Lei n.º 517, de 29 de Novembro de 1955, determinava a criação do Departamento Municipal de Bairros Populares (DBP) e uma das funções desse departamento seria a remoção das favelas que ocupavam essas áreas que estavam sofrendo uma depreciação econômica. O programa criado por esse órgão previa a criação de um conjunto de apartamentos que acolheriam esses moradores retirados dessas áreas. De acordo com o D.B.P, a solução encontrada foi criada principalmente em razão da grande valorização que os terrenos ocupados obtinham.

Os terrenos ocupados pelas favelas, começavam de acordo com a administração da Capital, causar desgastes incalculáveis para o progresso de Belo Horizonte. O terreno ocupado pelas favelas sofria depreciação econômica. A mortalidade infantil, as epidemias, a vadiagem, as despesas judiciárias e outros gastos aumentavam cada dia mais, onerando os cofres públicos. Para tentar solucionar e sanar os problemas, problemas esses que estavam relacionados às esferas federais, estaduais e municipais, era necessário atacar o primeiro foco, que era o problema das habitações. Para o Departamento de Bairros Populares, o DBP, a casa é lar, santuário, escola, oficina, abrigo. Propriedade essas que correspondem às diferenças de funções próprias da família e funções difíceis de serem realizadas fora dos muros da casa ... a casa própria em condições humanas, é uma preparação garantida do trabalhador de amanhã (Desfavelamento em Belo Horizonte 1955: 10).

Atendendo a solicitação da Prefeitura, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE), cadastrou em novembro de 1955 as favelas existentes na Capital, totalizando um número de 27 favelas, tendo aproximadamente 10 mil barracos, que eram em sua maioria construídos de adobe, possuindo um total aproximado de 35 mil moradores. Nessas 27 favelas, existiam apenas 03 grupos escolares, nenhuma possuía telefone público, bem como nenhum

médico residente. Não possuíam nenhum sistema de esgoto e a coleta de lixo era precária. Toda essa situação levava a existência de uma elevada taxa de mortalidade infantil e doenças como o raquitismo e desidratação; existia também a vadiagem, o alcoolismo, a prostituição, sendo que esses fatores somados, gerariam uma enorme despesa para os cofres públicos. A Capital começava —se então a desenvolver, surgindo os problemas que eram até certo ponto comuns, enfrentados por todas as cidades grandes, como habitação, transporte, saúde, segurança, educação.

Foram várias as tentativas do poder municipal, estadual e federal pra tentar corrigir minimizar as distorções do processo de ocupação da cidade, que estava crescendo de uma maneira exagerada na sua região periférica e que trazia conseqüências diretas para o centro comercial da cidade. Assim, os assentamentos irregulares espontâneos traziam consigo uma dupla carga negativa; em primeiro lugar pela (falta de) qualidade urbanístico-arquitetônica intrínseca a tais formas indignas de acesso à cidade, além de certamente, de suas conseqüências para a população envolvida. Em segundo lugar, as favelas de demais invasões poderiam, se fora de controle, ameaçar a própria consolidação da implantação do almejado projeto de cidade moderna e alta qualidade sanitária-ambiental, tanto por fisicamente ocupar espaços para os quais foram projetados por constituir focos potenciais de doenças e outras ameaças à saúde pública coletiva (De Moura Costa e Baptista 1998: 272).

No principio da década de 60, começavam a surgir em Belo Horizonte diversas invasões de terrenos, fato que ganhava intensidade em todo Brasil e que a partir de 61 obteve mais força com o conjunto de medidas políticas propostas pelo presidente João Goulart, medidas estas que incluíam a Reforma Agrária e a Reforma Urbana. O principal objetivo da segunda era a desapropriação de terras não produtivas para a construção de conjuntos habitacionais, como maneira de dar abrigo à população que vinham para as grandes cidades.

O intenso e crescente processo de favelização surgia como uma resposta a enorme carência habitacional por qual estava passando

Belo Horizonte, agravado pelo aumento considerável dos preços dos alugueis e pela grande quantidade de pessoas que se deslocavam do campo para a cidade. A cidade não estava até certo ponto preparada para receber esse enorme contingente populacional, surgindo daí inúmeras favelas. Há favelas tanto nas áreas centrais quanto nas imediações da cidade industrial, numa clara evidência de que a habitação operária deixou de ser um item na agenda de necessidades do ponto de vista industrial (De Moura Costa 1994: 58).

Desse conjunto de situações, surge então a favela Cabana do Pai Tomás, considerada hoje uma das favelas mais povoadas do Brasil. A Favela Cabana do Pai Tomás se encontra localizada na zona oeste de Belo Horizonte, delimitada pelo cemitério Parque da Colina, pela Avenida Amazonas, Vila da Antena e rua Epaminondas Otoni, numa área de aproximadamente 400 mil metros quadrados, com aproximadamente hoje 80 mil habitantes, com uma densidade demográfica de 300 habitantes por quilômetro quadrado, distante a aproximadamente 2,5 quilômetros da Cidade Industrial e a 10 quilômetros do Centro Comercial de Belo Horizonte.

A origem do nome Cabana do Pai Tomás é uma incógnita entre os moradores, existindo várias versões, para o invasor/morador Raimundo Apolinário da Silva, 67 anos, o nome do lugar esta relacionado ao curandeiro Joaquim Cândido Tomás, que era procurado por pessoas para serem curadas:

... O que eu sei é a questão do veí que eles chamava de Pai Tomás e que ele mexia com benzisão e tinha aquela lenga – lenga danada lá embaixo e aparecia muita gente né, pra ir lá e coisa ... e a história ficou sendo esta e aí pegou a tradição de Pai Tomás...”. Versão também compactuada pelo invasor/morador seu Geracino França Pinto, 66 anos, que: “... Ali embaixo perto da igreja Deus e Amor tinha uma Cabana, uma ... uma... senzala que eles pôs o nome de Cabana e aí tinha um senhor já de idade que o povo chamava Pai Tomás ... e o pessoal dizia que ele benzia a gente, que ele era um homem benzedor e então batizaram o lugar como Cabana do Pai Tomás...

A segunda versão se refere a um restaurante situado nas proximidades da avenida Amazonas, uma das avenidas mais

movimentadas de Belo Horizonte e que faz a ligação entre o Centro Comercial e o Centro Industrial da Capital. De acordo com o morador José Martins Sobrinho, 59 anos,

... Conversando com as pessoas mais antigas e tudo e aqui em algum lugar tinha um bar, um bar de noitadas né e as pessoas vinham passar a noite e então o bar chamava Cabana do Pai Tomás. Então as pessoas vinham saíam lá de Belo Horizonte e viero lá para a Cabana do Pai Tomás, pro Cabana do Pai Tomás e o nome ficou...

A terceira versão é morava na fazenda Gameleira um capataz, que ficava em uma Cabana, tomando conta dos animais dos viajantes, viajantes esses que iam a direção ao bairro Barreiro, bairro situado na região Oeste de Belo Horizonte, sendo um dos bairros mais antigos da Capital, sendo famoso na época por possuir casas de prostituição e por não possuir estradas, demorando praticamente um dia de “viagem” para sair de Belo Horizonte e ir para o Barreiro. De acordo com o senhor Divino Machado Ferreira, de 65 anos,

... aqui tinha um senhor muito velho que chamava Tomás e ele ficava ali perto do buracão tomando conta dos cavalos dos viajantes que ficavam ali durante a noite e que iam a direção ao Barreiro...

A quarta versão relaciona o nome da favela ao livro: *A Cabana do Pai Tomás* de Harriet Stowe. A Cabana de Pai Tomás era uma pequena construção; Pai Tomás, o mais fiel dos escravos, era um preto retinto, forte, fisionomia aberta, bem inteligente e com todas as características do mais puro tipo africano (Stowe 1996: 20-21). Para o senhor Jair Rodrigues da Silva, de 64 anos, essa versão relacionando o nome do livro ao lugar é vista da seguinte forma:

... o nome era inspirado naquela novela a Cabana do Pai Tomás, por ter aquele velho que fumava cachimbo ... e ele ficava ali sentadinho sempre lá na varanda da casa e eles falava assim: Ali é uma Cabana e aquela Cabana vai chamar Cabana do Pai Tomás...



Na realidade, o que se percebe nos depoimentos dos moradores que nenhuma das versões são consideradas oficiais pelos moradores, constituindo em ponto de discussão e divergências entre eles, sendo praticamente impossível ainda hoje, passados quase 40 anos do surgimento da favela, afirmar de fato o motivo oficial do nome Cabana do Pai Tomás. Já houve em outras ocasiões a tentativa da mudança do nome, como por exemplo para o primeiro nome como era conhecido antes da invasão, Barroquinha ou então para Vila Operária Estudantil durante o período da invasão e resistência na posse na terra. Mas o nome Cabana do Pai Tomás já estava cristalizado no meio do povo.

O início da invasão/ocupação e derrubada dos eucaliptos inicia de uma forma definitiva quando o prefeito Jorge Carone Filho começa embasado no decreto de Lei Municipal de n.º 1105 de 08 de Julho de 1963 que no seu artigo 1º estabelecia como área para efeito de desapropriação, os imóveis relacionados no decreto lei, que incluía a região onde está localizada a Favela Cabana do Pai Tomás, imóveis que atualmente plantados de eucaliptos com áreas, limites e confrontações constantes da planta cadastral de Belo Horizonte e de propriedade da FAYAL S/A, digase Antônio Luciano Pereira Filho. Esse decreto Lei Municipal estava embasado na Lei n.º 4132, de 10 de Setembro de 1962, onde também no seu artigo 1º Decretava a desapropriação por interesse social visando promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem estar social, na forma do art. 147 da Constituição Federal; essa lei Federal foi sancionada pelo então presidente João Goulart.

As áreas ocupadas por eucaliptos e que estavam sendo desapropriadas teriam como finalidade à construção de casas populares, bem como as obras e serviços públicos como cemitérios, escolas, ligações com vilas e bairros, construção de rodovias já planejadas pela administração municipal.

O ex prefeito de Belo Horizonte, Jorge Carone Filho, hoje com 80 anos, afirma que a derrubada dos eucaliptos na época foi o cumprimento de uma promessa feita aos trabalhadores, de que se ele ganhasse as eleições para prefeito, ele desapropriaria todas as áreas que estavam plantadas de eucaliptos:

... quando eu fui candidato a prefeito eu prometi ao operariado que se eu fosse eleito, eu ia resolver o problema da habitação dos operários. Que naquela época eles tinham uma dificuldade muito grande porque os grandes proprietários, mais ou menos 20, não davam oportunidade ao homem mais humilde de adquirir um lote, porque eles eram proprietários de grandes áreas, como é o caso do senhor Antônio Luciano, que plantava eucaliptos em várias regiões de Belo Horizonte e colocava cerca de arame farpado com homens armados, não permitindo que a população tivesse acesso a essas áreas ... venci as eleições ... fiz um decreto tornando de utilidade pública 10 mil lotes do senhor Antônio Luciano...

No final do mês de Julho de 1963 o então vereador Dimas Anunciação Perrin apresenta na Câmara dos Vereadores, o projeto de lei n.º 132/63 que dispõe que todas as áreas ocupadas por favelados sejam entregues pela Prefeitura ao Departamento de Bairros Populares e este faria os loteamentos os venderia para os favelados de uma forma financiada e com prestações mensais de no máximo 5% do salário mínimo. O referido projeto pretendia que todas as áreas que a prefeitura repasse ao Departamento de Bairros Populares deveriam ser divididas em lotes de 180 m<sup>2</sup> e quando estivessem mais de uma família no mesmo lote, este deveria ser dividido em forma de condomínio para todos os moradores.

O projeto tentava dessa maneira sanar o problema da habitação para os favelados em Belo Horizonte e excluir de qualquer benefício os exploradores de favela que levantavam cômodos e depois os alugavam. Sobre o projeto Dimas Perrin, que viria a ser discutido pelos invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás somente após a sua ocupação e organização, o depoente José Martins Sobrinho, 59 anos, afirmava que:

... a questão política do momento era muito forte e o projeto Dimas Perrin unia os moradores de favela em torno de um projeto que era muito importante que era a legalização das terras, a questão da moradia e se tivesse sido aprovado na época não teria tantos problemas de favela como aconteceu em Belo Horizonte...

Ainda de acordo com os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás, existia uma certa desconfiança em relação à presença da Construtora FAYAL S/A cujo um dos sócios era o suposto dono das terras, o empresário e deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho. A decisão quanto à participação no projeto foi discutida em Assembléia, como relata o depoente Raimundo Apolinário da Silva, 67 anos, mais conhecido como seu Raimundo Apolinário:

... eu num sei se era o Dimas o autor do projeto não. Eu só sei que na hora que nós vimos que quem tava metendo no meio do trem era FAYAL mesmo ... era uma proposta até muito boa, que ele falou que iria pagar uma coisa insignificante na época, quer dizer, uma coisa praticamente pouca na época e nós da Associação num pudemo decidir sozinho e fomo decidir em Assembléia, porque a Associação num podia fazer nada sem a Assembléia...

A população necessitada passou a acompanhar atentamente o desenrolar do projeto apresentado pelo vereador Dimas Perrin. Muitos acreditando fielmente na sua aprovação, outros nem tanto, começaram a invadir uma das áreas que diziam ser do empresário e Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, situada à margem da BR-31. Os invasores foram retirados por medidas judiciais, sendo levados e alojados em um terreno de 4 000 m<sup>2</sup> que foi “doado” pelo deputado federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho, esse local para onde foram levados esses invasores ficaria mais tarde conhecido como Cabana do Pai Tomás. O deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho fez a doação dessas áreas objetivando que outras áreas mais valorizadas por estarem próximas à região sendo e que estavam ocupadas por invasores fossem desocupadas.

Os lotes “doados” pelo deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho eram poucos para a grande quantidade de pessoas que necessitavam de moradia. Nesse momento Belo Horizonte estava passando por uma grande crise habitacional, ocorrendo invasões e ocupações de diversas áreas que estavam plantadas de eucaliptos cujo enfoque nessa proposta de trabalho será para a favela Cabana do Pai Tomás.

A invasão da favela começa de fato no princípio do mês de agosto, mais precisamente em 07 de agosto de 1963, quando um grupo de pessoas começou a invadir os terrenos situados às margens da avenida Amazonas, nas proximidades do bairro Gameleira, cortando e derrubando os eucaliptos e construindo os primeiros barracos que eram feitos de lona, galhos e troncos dos próprios eucaliptos derrubados e tijolos de adobe. A imprensa noticiava da seguinte forma a invasão:

... Um terreno acidentado, perto de 500 famílias passam a noite sob barracos com armações de troncos e cobertos de folhas de trapos de panos, durante o dia, as mulheres e crianças devastam a mata e à noite quando os homens voltam para a casa o trabalho é mais intenso... (*Jornal Diário de Minas*, 11 de setembro de 1963).

POLÍCIA ACOMPANHA: EXPECTATIVA: FAVELADOS INCEDEIAM EUCALIPTOS E INVADEM TERRAS ÀS MARGENS DA BR-31.

Voltou a se agravar, nas últimas horas a situação ao longo da BR-31, entre a Avenida Amazonas e a Gameleira, com o registro de novas invasões por parte de pessoas que pretendem resolver, pelo modo mais simples, seu problema de moradia. No momento em que a justiça se dirigiu à polícia solicitando o afastamento dos favelados que se instalaram ali, desde a semana passada, outros trechos foram tomados. Desta feita, o setor atingido pelo grupo de famílias é o que se localiza perto dos eucaliptos... (*Jornal Diário da Tarde*, 23 de Agosto de 1963.)

A derrubada dos eucaliptos pelos moradores era feita utilizando o machado como principal ferramenta, geralmente à noite, devido à repressão dos órgãos policiais e dos capangas e jagunços contratados pelo deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho, sendo lembrado por eles da seguinte maneira:

Eu fui derruba um eucalipto, um calipão danado, marrei uma corda, pra ver se ele caía e num vim que tinha uma casinha perdida no meio do eucaliptal, aí na hora que eu cortei a coisa, deu um vento e eu num guentei segurar a corda e o pau caiu em cima da casa, que ela partiu no meio certinho... (Rosalina Silva, dona Rosa, 70 anos.)

... Os eucaliptos só podia cortar a noite, por causa da polícia. Os eucalipto que cortava ocê não podia mexer não, mas à noite era igualzinho rato, a polícia num dava conta não, arrastava eucalipto prum lado e pro outro... (José Leônidas Resende, Zezinho, 48 anos.)

... eu derrubava os eucaliptos era na base do machado e eu não vou te contar quantos eucaliptos que eu derrubava por dia, porque aqui nós e eu derrubava muito eucaliptal e quando eu via que o negócio tava muito perigoso, as veiz, conforme era o tamanho do eucalipto, eu subia naquela árvore e desgaiava lá de cima pra baixo, sabe como é né? Pra num ter perigo nenhum... (Afonso José de Oliveira, 68 anos.)

A derrubada dos eucaliptos para a construção dos barracos, começa a demonstrar a consciência social desse grupo de invasores/moradores diante da necessidade de uma necessidade básica de morar, de viver, de habitar, de conquistar um espaço que estava ocioso, bem como tentar solucionar o problema da moradia por qual eles estavam passando. A derrubada dos eucaliptos começava a dar uma resposta aos problemas habitacionais e econômicos que estava passando a cidade de Belo Horizonte. A derrubada dos eucaliptos teve como consequência imediata à invasão, no caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, foi uma resposta à falta de moradia para a população mais carente, aos altos preços dos alugueis e a falta de políticas públicas que de fato viessem solucionar os problemas habitacionais que estavam ocorrendo em Belo Horizonte.

Sobre esse direito à propriedade individual para qual lutavam os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás, praticamente relacionavam-se aos mesmos motivos sobre os quais Lefebvre discutia no século XIX sobre o relacionamento da industrialização e os efeitos que essa crise habitacional causaria sobre a cidade de Paris que estava em processo acelerado de industrialização, afirmava que o direito a moradia aflora na consciência social. Ele se faz reconhecer de fato na indignação provocada pelos casos dramáticos, no descontentamento engendrado pela crise (Lefebvre 1991: 19).

Para os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás a derrubada dos eucaliptos representava um marco nessa tomada de consciência social que estava engendrado em seu meio. Estavam começando a despertar para a necessidade de garantirem direito à propriedade, para a necessidade de se organizarem para enfrentarem e resistirem as possíveis ações ou ameaças do provável ou dos prováveis donos das terras, da necessidade de conseguirem melhores condições de sobrevivência na área invadida.

Os primeiros barracos foram feitos utilizando tijolos de adobe,<sup>12</sup> troncos e galhos de eucaliptos que eram cortados, além de sobras de madeiras, latão, lonas e outros materiais que serviam para tal finalidade. Os invasores/moradores lembram até com um certo orgulho da construção dos primeiros barracos:

... os barracão que nós fizemo era de adobe, cobria eles com eucalipto... (Geracino França Pinto, 66 anos.)

... a principio eu sei que o pessoal fazia barraco de pau a pique mesmo, às vezes até sem terra, mas na maioria depois de um assentamento, o primeiro assentamento a fazer um barraco de madeira foi esse aqui né? Com folha, com ramo e tudo mais ... tem muito barraco de tijolo de adobe por aí... (José Martins Sobrinho, 59 anos.)

... o meu primeiro barraco foi feito de adobe, feito de adobe e pau de eucalipto. Morei quase 01 ano nele e fui aumentando depois... (Antônio Gomes da Silva, Tonhão, 68 anos.)

A memória e vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora 1993: 9). Os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás ao lembrarem do início da invasão e da construção dos primeiros barracos, lembram com um certo ar de saudosismo, pois são despertadas e começam a vim à tona todas as dificuldades

<sup>12</sup> Pequeno bloco parecido com o tijolo, feito com argila crua, secada ao sol; podendo ser feito misturado com palha, para se tornar mais resistente.

passadas por eles até chegarem e encontrarem aquele local para viver e morar, local que viria a ser o lugar definitivo de sua moradia.

A lembrança da derrubada dos eucaliptos e da construção dos primeiros barracos, começa a despertar outras lembranças, que podem ser consideradas como motivos para eles estarem ali, como por exemplo às dificuldades financeiras, os aluguéis atrasados, a cidade de origem. Esse conjunto de lembranças para os moradores da favela Cabana do pai Tomás acabam tornando-se vida, permanecendo viva no seio desses invasores/moradores.

O primeiro local de moradia e a construção dos primeiros barracos para os invasores/moradores da Favela Cabana do Pai Tomás, pode ser considerado como lugar de memória, pois é envolvido de todo um sentimento de lembranças espontâneas, involuntárias que se afloram a cada instante que lhes são solicitados, sendo composto todo um ritual carregado de experiências vividas das pessoas que estavam presentes naquele momento. O local em que chegavam e construíram os primeiros barracos representava a realização de um sonho, o sonho da conquista da moradia.

Os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e silvado imprevisível de suas ramificações (Nora 1993: 22) e esse lugar para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás passou por essa mutação, por essa transformação, do imenso eucaliptal, para a construção dos primeiros barracos, a resistência do suposto dono das terras, a resistência aos órgãos opressores, as primeiras conquistas, representam esse sinal de conquista, representam esse lugar de memória e história de uma comunidade.

Os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás em sua maioria vieram das cidades do interior de Minas ou de outros estados, principalmente para o estado da Bahia. As causas dessa corrente migratória são variadas, destacando o fascínio pela cidade grande, a falta de condições de vida em sua cidade de origem, o fascínio pela cidade grande. Mas de onde então vieram os moradores da favela Cabana do Pai Tomás?

... eu vim da Bahia e fui morar inicialmente lá no bairro da Glória, depois invadi o Alto dos Pinheiro e depois eu vim pra cá... (Rosalina da Silva, dona Rosa, 70 anos.)

... eu vim de Buenopólis, lá perto de Montes Claros no Norte de Minas e o primeiro local de moradia foi aqui... (Jair Rodrigues da Silva, 64 anos.)

... sou baiano de Jequié e eu antes de vim pra essa Cabana, eu morava lá no bairro das Indústrias... (Afonso José de Oliveira, 68 anos.)

Cada grupo aliás, se divide e se restringe, no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por algum tempo a lembrança de acontecimentos que não tem importância senão para eles, mas que interessam tanto mais que seus membros, que são pouco numerosos (Halbwachs 1990: 79). Sendo assim, a invasão dos terrenos, a derrubada dos eucaliptos, a construção dos primeiros barracos e a lembrança do lugar de origem, podem não ter importância para outras pessoas que não presenciaram ou não participaram do movimento de invasão da favela Cabana do Pai Tomás, mas para os invasores que participaram da invasão e estão morando na favela, os acontecimentos tem uma importância significativa, pois vivenciaram e estiveram diretamente envolvidas no processo, criando até em certo ponto laços afetivos com o local.

A migração é destacada como um dos principais fatores para o surgimento das favelas, acrescentase ainda a lentidão do mercado imobiliário, a expansão do mercado de trabalho, no caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, que era próxima a Cidade Industrial que nesse momento estava se tornando um dos maiores pólos industriais do Brasil, fato que provocou uma corrida de trabalhadores oriundos do interior e de outros estados na busca de empregos. Nos depoimentos dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, percebe-se que a maioria dos invasores/moradores veio do interior de Minas e do Nordeste do País, com destaque para o estado da Bahia. Essas regiões, são regiões que historicamente no decorrer dos anos, foram desprovidas de recursos que possibi-



litassem a fixação dos mesmos, sendo então necessário deslocamento para os grandes centros urbanos, objetivando uma vida melhor, com mais dignidade.

posição dos órgãos responsáveis pela Segurança Pública em relação à invasão/ocupação da favela Cabana do Pai Tomás pelos moradores, era até em certo ponto dúbia, pois ao mesmo tempo em que afirmavam que só agiriam quando recebessem uma ordem judicial para impedir a invasão e ocupação da área, preparava planos para manter nas áreas ocupadas um contingente policial para evitar saques e depredações, bem como coibir o abuso de desordeiros na visão da polícia. De acordo com os invasores/moradores, a ação da polícia era repressiva, impedindo o corte dos eucaliptos, batendo nos moradores, não deixando que os mesmos construíssem seus barracos. Em praticamente todos os depoimentos ficam claras as atitudes tomadas pelos policiais:

... cê tinha que fazer as parede debaixo de lona pra policia num vê e aí quando ocê tirava a lona era só ocê por a madeira que era do próprio eucalipto do local e botar a telha por cima e tava pronto o barraco,... eles num deixava não, dirrubava tudo, era só a Cavalaria vê... (José Leônidas Resende, Zezinho, 48 anos.)

... nós tínhamos um policiamento aqui e tal, era logo ali acima da igreja São Geraldo e o policiamento começou a fazer muita covardia ... eles batiam, batia e fazia o camarada carregar água, porque nesse buraco onde é o Fundo Colina, era um buracão e eles fazia o camarada pegar água lá em baixo com todo o sacrificio e quando o cara chegava aqui em cima, eles jogava água na cara dele... (Jair Rodrigues da Silva, 64 anos.)

... eles num deixava construir casa ... teve um dia que teve um moço tentando levantar umas parede lá e veio a polícia e falou com ele que era pra ele parar de construir, senão eles atirava... (Rosalina Silva, dona Rosa, 70 anos.)

Além da repressão por parte dos órgãos oficiais, os invasores/moradores recebiam ameaças do suposto dono das terras, o empresário e deputado federal Antônio Luciano Pereira Filho, que tentava coibir as invasões que estavam acontecendo em “seus te-

rrenos”, colocava anúncios nos jornais contratando jagunços para impedir a invasão de seus terrenos, onde apareciam diversos candidatos que alegava a necessidade do emprego e prometiam atender todas as recomendações contra os favelados. Os anúncios nos jornais eram feitos da seguinte forma:

PRECISAM – SE.

De 20 homens fortes e dispostos para garantia de propriedades contra invasores. Ordenado: CR\$ 25.000.00 – Tratar na Avenida Afonso Penna 571, 4º Andar. (*Jornal Diário de Minas*- 29.08.63.)

Vinte homens foram contratados, recebendo como “instrumento de trabalho” uma espingarda e um revolver municados e com a promessa de salário em dia se tivessem êxito em sua missão. Os homens contratados pelo deputado federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho começaram a pressionar os moradores para desocupar a área invadida, que para resistirem começaram a ser organizar e também ser armarem com porretes de pau.

... os caras que era mandado pelo Luciano, fazia pressão em cima, para dizer que o terreno pertencia ao Luciano. Essa pressão durou muito tempo, mesmo depois de organizado, durou essa pressão em cima da gente e vai o pessoal já ficava ali guentando, com medo de ser despejado de qualquer maneira e nas reunião nós pegava um pedaço de pau e eles num vinha cá não... (Geracino França Pinto, 66 anos.)

... os capanga dele (Antônio Luciano) era uns cara chato pra dana, e que vinha encher o saco na época, as vez eles vinha com uma ordem e chegava e mandava ... teve muita gente que chegou a vender terreno com medo deles... (Raimundo Apolinário da Silva, 67 anos.)

As conquistas como energia elétrica, água, saúde, transporte e outros foram surgindo com o decorrer do tempo, devido à organização dos moradores. A água só existia nas “bicas”, somente chegando em todas as casas no final da década de 70. De acordo com dona Rosalina Silva, ou dona Rosa, de 70 anos, para pegar água, tinha que andar uns 03 quilômetros: “... a água era na

cabeceira de uma lagoa que tinha aqui perto do cemitério, nós tirava água, aqui no cemitério, era uma lagoa danada de grande...”.

Uma outra solução era pedir água na casa dos vizinhos que possuíam cisterna, pois em alguns lugares, os moradores furavam cisterna de até 12 metros e não encontravam água, tendo portanto que recorrer que pedir aos vizinhos, essa era então uma prática comum, de acordo com dona Maria Sebastiana Elói Pinto, de 58 anos, mais conhecida como dona Zica: “... a água aqui era a maior dificuldade, furava cisterna aí de 08, 12 metros e dava ferrugem pura e então só tinha uma dona lá na Barroquinha que tinha uma mina d’ água muito clarinha e todo mundo pegava a lata e ia buscar lá na casa dela...”.

No principio da invasão/ocupação da favela Cabana do Pai Tomás, não existia energia elétrica, a iluminação era feita na base da lamparina e utilizando querosene como afirma Juraci Esteves de Castro ou dona Juraci como é mais conhecida, com 70 anos e que morou nas redondezas da Cabana, bem antes da invasão: “... luz aqui num tinha não, era luz de querosene mesmo, as lamparina (rindo), lumiava com vela...”.

A energia elétrica mais próxima era num bairro próximo situado há aproximadamente 1 500 metros da favela e era utilizada somente nos horários de missas que aconteciam na igreja São Geraldo. No final da década é que os moradores começaram a se organizar e mobilizarem para tentar solucionar o problema da falta de energia elétrica, indo pedir apoio ao deputado estadual Waldomiro Lobo que intermediou junto a CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais) a instalação da energia elétrica para os moradores. Foi firmado um acordo com os moradores que dividiriam os custos da instalação. Quando questionado sobre o problema da energia elétrica, o morador José Martins Sobrinho, de 59 anos, relata com um certo ar de saudosismo que:

... a luz aqui a gente puxava para a igreja São Geraldo lá da rua Chapinha ... então a gente passava os fio no meio dos eucalipto e chegava até na igreja e o que acontecia muitas vezes era que a gente tava no meio de uma função lá missa e alguém passava e

desligava o relógio (rindo) ... e a gente ficava no escuro e então a maioria do pessoal que tinha luz naquela época era dessa forma na favela ... as veiz tinha casa que tinha 20 relógio...

Para ir para o trabalho, os invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás iam, na maioria dos casos, caminhando, ou porque não existia linha de ônibus no bairro ou porque grande parte dos invasores/moradores trabalhava na Cidade Industrial que estava situada a 2,5 quilômetros da favela. Antes da existência da linha de ônibus, os invasores/moradores para ir ao Centro Comercial, tinham de pegar condução na avenida Amazonas, avenida essa situada nas proximidades da favela.

... Não tinha ônibus aqui não, depois é que começou o Zurick aí (linha de ônibus que serve a favela)... (Raimundo Apolinário da Silva, 67 anos.)

... não tinha ônibus ainda, a gente descia lá na avenida Amazonas com aqueles sacão, o ônibus era o Barreiro 100, vinha com aqueles sacos de mantimentos e trazia com maior sacrifício... (Jair Rodrigues da Silva, 64 anos.)

... eu saía de casa a pé, quando eu pegava serviço às 06:00 horas, eu saía às 5:30, eu ia a pé e num tinha condução não, num chegava atrasado de jeito nenhum, eu nunca peguei serviço atrasado... (Nelson Dias de Oliveira, 80 anos.)

De acordo com o levantamento da população favelada feita pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 1966, a maioria da população que morava nas favelas preferia “favelar-se” o mais próximo possível do local de trabalho, pois além de morarem perto do local de trabalho, economizariam o dinheiro que seria gasto com a condução ou transporte para o trabalho. Essa explicação seria um dos motivos da alta taxa de concentração populacional na favela Cabana do Pai Tomás, concentração que teria ficado fora de controle no início da invasão/ocupação pelos moradores em 1963.

A situação que ocorria em Belo Horizonte, especificamente na favela Cabana do Pai Tomás na década de 60, não diferiria muito da situação que estava passando a cidade de São Paulo na mesma

época. A localização das favelas tendeu a seguir a trilha da industrialização, amontoando-se em áreas próximas ao mercado da mão de obra não qualificada (Kowarick 1979: 38).

A escolarização dos filhos na favela, não era uma das tarefas mais fáceis, devido à inexistência de escola. A escola mais próxima estava situada no bairro próximo —Nova Gameleira—, escola que atendia toda a população existente nas proximidades. De acordo com seu Raimundo Apolinário e com seu Geracino França Pinto, escola no princípio era somente no bairro Gameleira, depois é que surgiram escolas na região:

... Escola?... Num tinha não, num tinha escola, depois de um espaço de tempo foi aparecendo à escola, depois foi tomando jeito e arrumando escola aí... Por exemplo na Gameleira tinha aonde eles chama de Mauricio Murguel, depois lá em cima no alto da Cabana ali que depois passou a ser Nair Santana...

... Não, no princípio quando a gente começou aqui, as escola aqui era difícil, escola aqui era longe, aquela escola lá em cima, Nair Santana, meus meninos quase todos passou por ela... (Nelson Dias de Oliveira, 80 anos.)

O lazer na favela para os invasores/moradores era até em certo ponto, diverso, principalmente para os homens: Jogar Futebol, ir ao cinema, dançar forró. Ou então levar a família para divertir-se no Parque Municipal, no centro de Belo Horizonte.

... quando eu era menino, brincava muito, brincava quando era eucalipto, tinha campo de futebol no meio do eucaliptal, tinha ... ahhh, brincava demais, tinha umas brincadeira de antigamente né, Nego —Fugido— Preso, disso a gente brincava no meio do eucaliptal, sem perigo, sem nada... (José Leônidas Resende, Zezinho, 48 anos.)

... o meu lazer aqui era cinema, eu gostava demais de cinema, tinha um cinema lá em baixo na avenida Amazonas e nesse cinema nós entramos, nós conversamos... (Jair Rodrigues da Silva, 64 anos.)

... Não tinha diversão aqui não ... quem quisesse divertir aqui tinha que ir para o Parque Municipal e pronto, aí eu levava meus

vão no Parque Municipal pra eles brincar um pouquinho, porque aqui não tinha nada ... diversão aqui foi um arranca tóco, nós formamos um time de futebol aqui... (Geracino França Pinto, 66 anos.)

O conjunto de lembranças descritas pelos invasores/moradores da favela Cabana do Pai Tomás evolui na medida em que o começo a reviver o seu cotidiano, começam a reconstrução de imagens que estavam até em certo ponto perdidas na memória e que começam a serem vividas e reconstruídas quando solicitadas, onde cada membro contribuiu para a formação dessas imagens na construção de um todo. Essa reconstrução do cotidiano feita pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás demonstra que a memória coletiva é viva, é sociabilizada, ela vai evoluindo de acordo com o conjunto de memórias individuais, ela lança uma ponte entre o passado e o presente.

Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as conseqüências que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (Halbwachs 1990: 80). Essa é a necessidade sentida pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, evitar a dispersão dessa memória, evitar que ela se perca no meio dos moradores que chegaram depois da consumação da invasão/ocupação e que não possuem uma ligação direta com o processo de invasão e ocupação da favela. É manter vivo os sentimentos, o espírito de grupo, a capacidade de organização que começaram a surgir e foram aumentando no decorrer dos anos.

Essa proposta de trabalhar a memória e a história da favela Cabana do Pai Tomás, tem como objetivo evitar a dispersão dessas memórias, é evitar que elas se percam, salvá-las, reconstruí-las de

uma maneira conjunta, é buscar as semelhanças, é procurar fazer sempre uma ligação estreita entre o presente e o passado desses invasores/moradores.

## **Bibliografia**

ALVITO, Marcos & Alba ZALUAR

1998 *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas.

DE MOURA COSTA, Heloisa Soares

1994 “Habitação e produção do espaço em Belo Horizonte”. En MONTE-MOR, *et al. Belo Horizonte: Espaços e Tempos em Construção*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, pp. 51-78.

DE MOURA COSTA, Heloisa Soares & Maria Elisa BAPTISTA

1998 “Arquitetura Silenciosa”. En CASTRIOTA, Leonardo Barci (org), *Arquitetura da Modernidade*, Belo Horizonte, pp. 263-296.

DESFAVELAMENTO em Belo Horizonte

1955 *Departamento de Bairros Populares*.

GUIMARÃES, Berenice Martins.

1992 *Revista Análise & Conjuntura*, v. 7, n. os 2 e 3, maio/dez. Belo Horizonte.

HALBWACHS, Maurice.

1990 *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice.

KOWARICK, Lúcio.

1979 *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEFEBVRE, Henri.

1991 *O direito à Cidade*. São Paulo: Moraes.

LEVANTAMENTO da População Favelada de Belo Horizonte.

1966 Secretária do Estado do Trabalho e Cultura Popular/Departamento de Habitação Popular.

NORA, Pierre

1993 [1984] “Entre Memória e História”, prefácio do v. I de *Lês Lieux de Memoire*, Paris: Gallimard, 1984. [Tradução de Yara Aun Khoury, Proj. História, São Paulo.]

SEVCENKO, Nicolau

1998 “Prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do Progresso”. In *História da vida privada no Brasil: República; da belle Époque à Era do rádio*, São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, pp. 7-48.

STOWE, Harriet Beecher.

1996 *A Cabana do Pai Tomás* (Trad. Herberto Sales). Rio de Janeiro: Ediouro.